

PAULO ALCOFORADO: A LÓGICA E A SUA HISTORIOGRAFIA!

por *Guilherme Wyllie* – UFMG.



Dr. Paulo Alcoforado

Paulo Alcoforado doutorou-se em filosofia pela *Universidade Federal do Rio de Janeiro*, onde lecionou até 1998. Sua contribuição acadêmica abrange uma série de estudos sobre a lógica de Frege e a história da lógica, que resultaram em inúmeras publicações e contribuíram para aclamá-lo como uma referência internacional em tais assuntos. Atualmente, ele é membro do *Instituto de Lógica e Teoria da Ciência* e professor aposentado da *Universidade Federal Fluminense*.

ENTREVISTA:

1. Há, até a presente data, algum estudo específico sobre a historiografia da lógica?

Não existe, ao que sabemos, um estudo sobre o desenvolvimento da história da lógica. Tudo o que conhecemos de mais recente e completo é uma lista de obras e autores, que remonta provavelmente ao ano de 1882, devida a R. Adamson em *A Short History of Logic*. Esta foi mais tarde, ao que supomos, retomada e ampliada por J. M. Baldwin em 1901 no *Dictionary of Philosophy*. Por fim, devemos a J. M. Bochenski uma breve apresentação de algumas obras que versam sobre este tema em sua *Formale Logik* de 1956.

2. Quais são as noções de *lógica* e *história da lógica*, que devem orientar uma pesquisa sobre a historiografia da lógica?

Quando se intenta investigar as etapas passadas não só da lógica, mas da própria história da lógica, é inegável que as noções de *lógica* e de *história da lógica* passam a ter a maior relevância, já que sem elas não há como balizar, de maneira adequada, o empreendimento de reconstruir o passado tanto da lógica, quanto da história da lógica. Neste sentido podemos afirmar que, quando por ‘lógica’ se subentende ‘lógica formal’, a lógica é a teoria da inferência ou então o estudo das verdades lógicas. E no que diz respeito à história da lógica, podemos afirmar, de forma ampla e descritiva, que esta disciplina consiste não só no estudo da origem e do desenvolvimento dos diversos paradigmas e sistemas lógicos, como também na investigação da

dinâmica dos conflitos que se travam entre esses distintos paradigmas e sistemas lógicos.

3. Levando em conta as noções de *lógica* e *história da lógica*, pode-se dizer que o historiador não poucas vezes se depara com impasses e perplexidades nem sempre fáceis de serem contornados?

Sem dúvida. Em *primeiro* lugar, desde o início da história da lógica reinou uma grande incerteza quanto à delimitação dos temas propriamente lógicos. E em diversas tentativas de reconstrução de seu passado, não infreqüentemente, mais espaço foi concedido ao estudo de assuntos estranhos à lógica do que a assuntos propriamente lógicos. De fato, constatamos a existência de obras que mesmo ostentando o título de 'lógica' (ou de 'dialética') pouco, ou quase nada, falam a respeito da inferência. Em tal circunstância, cumpre indagar se estas obras podem ser do interesse do historiador da lógica. Cabe reconhecer que não é fácil dar uma resposta geral e satisfatória para esta indagação. Aqui, entendemos que se uma obra com tal perfil contiver uma teoria do termo e uma teoria da proposição e um mínimo de doutrina a respeito da inferência, e se ela tiver, por alguma razão, uma relevância cultural, ela pode ser de interesse do historiador da lógica. Em *segundo* lugar, existe mais de uma história da lógica em que, em muitos momentos, ao analisar um autor ou uma obra, a ênfase é dada não sobre o mecanismo da inferência formal, mas sobre a teoria do termo ou da proposição. Em nosso entender, isto constitui uma séria distorção dos objetivos e da natureza deste estudo, uma vez que não é este o objeto precípua da lógica e, por conseguinte, não pode ser tampouco de sua história. Pela definição de lógica acima proposta, o núcleo de uma exposição de uma doutrina lógica outra coisa não pode ser senão a teoria da inferência. As teorias do conceito e do juízo – afirma Frege – servem apenas como preparação para a teoria da inferência. Nunca se pode deixar de ter presente que uma teoria do termo ou da proposição só faz sentido – no contexto da lógica ou de sua história – na medida em que ela for um preâmbulo para uma teoria da inferência. Em *terceiro* lugar, há que se reconhecer que nem sempre é fácil decidir se um autor, uma escola ou uma obra deve ou não ser objeto de estudo da história da lógica, ou ainda avaliar que espaço cabe ser concedido a um autor, livro ou escola no contexto da história da lógica. A história da lógica, portanto, envolve sérias questões de natureza metodológica que não cabem aqui ser objeto de consideração.

4. Em que momento a história da lógica surge como um saber autônomo?

Antes do século XVI não se conhece história da lógica dissociada da história da filosofia. Antes deste século, todo inventário sobre a lógica passada se resumia quase sempre a uma ou outra observação histórica inserida aqui e ali na exposição de uma obra filosófica. De maneira autônoma e em separado, a história da lógica só aparece no século XVI, em pleno humanismo renascentista. Nesta época, e nos dois séculos a seguir, os relatos históricos mais completos cobriam apenas em grandes linhas a lógica de Aristóteles, um ou outro aspecto da lógica helenística e tópicos esparsos de lógica medieval. E também não é infrequente serem objeto de exposição, seja de temas distantes desta disciplina, seja do pensamento de filósofos que pouco ou nada tinham contribuído para o desenvolvimento da lógica formal. Isto se deve ao fato de os historiadores nem operarem com uma correta noção de lógica, nem conhecerem uma metodologia adequada para a reconstrução da história da lógica. Não deve, pois, causar estranheza a observação de Bochenski segundo a qual ‘a maior parte dos historiadores da lógica dos séculos XVII, XVIII e XIX, tratam mais de problemas ontológicos, epistemológicos e psicológicos do que de problemas lógicos’.

5. Quem foi o primeiro historiador da lógica?

Creio que foi Pedro Ramos (1515-72), humanista francês antiaristotélico e autor de uma exposição sobre a história da lógica, que se encontra na obra *Scholae in liberales artes, grammaticam, rhetoricam, dialecticam, physicam, metaphysicam* de 1569, cujos oito capítulos iniciais, que ostentam o título de *Scholae dialecticae*, versam sobre a história da lógica, desde sua “origem” até Galeno. Tal obra se ressent, contudo, da ingenuidade e das limitações de seu autor, que faz a lógica remontar a Noé e a Prometeu no capítulo inicial intitulado *Logica Patrum* (‘A lógica de nossos ancestrais’). A seguir, encontramos os capítulos: *Logica Mathematicorum* (sobre os pitagóricos), *Logica Physicorum* (Zenão de Eléia, Hipócrates, Demócrito etc), *Logica Socratica, Pyrrhonis et Epicretica* (sic!), *Logica Antistheniorum et Stoicorum*, *Logica Academicorum*, *Logica Peripateticorum* (onde se fala das obras lógicas de Aristóteles, que segundo Ramos não seriam de sua autoria), e encerra com o capítulo *Logica Aristoteleorum interpretum et praecipue Galeni*.

6. Quando a história geral da lógica se consolida definitivamente como uma disciplina autônoma e independente da história da filosofia?

Indubitavelmente, é no século XIX que a história da lógica adquire uma metodologia e objetivos próprios e específicos. Isso, porém, não significa que ela tenha atingido, neste momento, o patamar de exposição e análise crítica

que seria de se esperar. Tal situação, na verdade, só será possível muito mais tarde, com o advento da lógica matemática, ou melhor dizendo, quando os historiadores da lógica se tornarem conscientes da importância da aplicação da lógica matemática à reconstrução histórica da lógica. O que não ocorrerá antes da terceira década do século XX.

7. Consoante o que foi dito, é possível destacar alguma obra do século XIX, que verse sobre a história da lógica?

Certamente, a melhor, a mais extensa e a mais elaborada história da lógica do século XIX é a *Geschichte der Logik im Abendlande* ('História da lógica no ocidente') de C. Prantl, o mais importante historiador da lógica de seu século. Com efeito, Bochenski chega mesmo a dizer que ele é o criador da história da lógica (*er habe die Geschichte der Logik geschaffen*), ainda que em seu artigo 'L'état et les besoins de l'histoire de la logique formelle' ele se recuse a admitir a existência desta ciência no século XIX e entenda que a produção de Prantl esteja num patamar pré-científico. De fato, estas duas últimas teses são inteiramente verdadeiras, caso os critérios atuais sejam tomados como padrão. Mas segundo os padrões de época, há que se reconhecer que o livro de Prantl marca uma descontinuidade e constitui um sensível avanço sobre tudo o que até então fora feito em história da lógica. Trata-se de um empreendimento de dimensões enciclopédicas, em que praticamente todos os autores, escolas e tópicos da lógica antiga, helenística, medieval e renascentista são vistos e analisados ao longo de quase 2000 páginas. Dispondo de um amplo domínio das fontes históricas, sobre cada assunto, Prantl procura apresentar o texto que o fundamenta, o que constitui uma inovação por ele introduzida, assim acreditamos, na história da lógica. Suas exposições são, em princípio, claras, detalhadas, abrangentes e englobam todos os temas abordados por um autor ou por uma escola. Sua reconstrução histórica, porém, se ressentia das três seguintes limitações de natureza geral. Em *primeiro* lugar, ela vai apenas até o século XVI. Em *segundo* lugar, seus juízos de valor exprimem, com frequência, pontos de vista muito pessoais e idiossincráticos, que o levam a afirmar que toda a produção lógica depois de Aristóteles nada mais é que uma corrupção do pensamento aristotélico (*nur ein Verderben der aristotelischen Gedanken gewesen sei*). Isto, de certa forma, corrobora a observação de Bochenski segundo a qual este livro só teria sido escrito para provar que Kant tinha razão ao dizer que a lógica formal não tivera em absoluto nenhuma história. Finalmente, suas análises teóricas são, não raramente, limitadas, defeituosas ou mesmo errôneas, tanto pelos seus poucos conhecimentos de lógica, quanto por sua concepção de que, em lógica, o que for formal é desprezível e irrelevante! Por tal razão, há que se dizer que se trata de um livro basicamente superado. O

livro de Prantl exerceu uma profunda influência sobre todas as tentativas de reconstrução da história da lógica do século XIX e início do século XX. Não se erra muito ao dizer que sua influência só começará a declinar quando os historiadores da lógica, já em pleno século vinte, passarem a se utilizar dos recursos provenientes da lógica simbólica.

8. Quais são as publicações mais recentes, que se tornaram paradigmáticas para os historiadores da lógica?

Na segunda metade do século XX surgem três obras, duas das quais instituem, em definitivo, uma nova etapa de se pensar e de se escrever a história geral da lógica. E o que mais impressiona em todas estas três obras é, sem dúvida, o domínio do aparato formal da lógica por parte de seus autores. Excetuando-se Scholz e Jorgensen, ousamos dizer que até então nenhum dos historiadores da lógica possuía um domínio satisfatório de seu formalismo e nem dispunha dos recursos técnicos necessários para levar a termo uma análise adequada das teorias lógicas do passado. Só com a lógica matemática, os instrumentos conceituais oriundos da filosofia da linguagem e da semântica filosófica isto começou a se tornar, em todo ou em parte, possível. A primeira obra a que nos referimos tem sua importância assegurada por marcar a transição, por assim dizer, entre o que até então fora feito em história da lógica e a nova geração que virá logo a seguir. Tal é o caso de *Wykłady z dziejów logiki* de T. Kotarbinski, que foi originalmente publicado em 1957 e contou com uma tradução francesa intitulada *Leçons sur l'histoire de la logique*, em 1964. O que de início chama a atenção é o fato de pela segunda vez uma história geral da lógica incluir um estudo especializado sobre a indução, desde os gregos até autores e doutrinas do século XIX. Cumpre também observar que todos os grandes temas da lógica passada, com uma ou outra exceção, foram inventariados e com tal objetividade que raramente o autor se perde em exposições acessórias ou pouco relevantes. Por fim, cabe ser dito que os capítulos são introduzidos ora por autor ora por assunto, sempre seguindo uma disposição cronológica, procurando assim demarcar com a máxima clareza os grandes temas e correntes da história da lógica. Mas, não se pode deixar de reconhecer, ao lado destas inegáveis qualidades, a presença das seguintes limitações. Em primeiro lugar, não é uma obra que se possa chamar de equilibrada, pois nem sempre dá aos temas um tratamento correspondente à sua importância histórica. Assim, enquanto que a Aristóteles, merecidamente, é dado quase sessenta páginas, aos megáricos e estóicos só nove páginas são concedidas; e Teofrasto é apenas mencionado! A Pedro Ramos dedicam-se sete páginas, enquanto que sobre Sherwood, Hispano, Ockham e Burleigh, todos grandes lógicos de sua época, nada é dito. No

mesmo sentido, à *Lógica* de Port-Royal é dada uma atenção desproporcional, ao passo que a Leibniz são consagradas apenas onze páginas! Por fim, é lamentável que Frege não seja reconhecido como o criador da lógica matemática e nem suas teorias sejam objeto de exposição. Em segundo lugar, estranhamente, alguns temas são apresentados não historicamente, como se o autor esquecesse momentaneamente que escreve uma história da lógica, mas sistematicamente, como se tratasse de um manual expositivo de lógica. Tal é o caso, por exemplo, da teoria da quantificação, da teoria das relações e, em certo sentido, de alguns tópicos da silogística aristotélica. Em terceiro lugar, Kotarbinski nem sempre vai às fontes e aos textos originais. Não infreqüentemente, ele se vale de uma história da filosofia ou de uma monografia recente sobre o tema ou sobre o autor. Com efeito, os megáricos e estóicos são expostos, só para citar este caso, sem que se mencione uma única fonte de época! Também nenhuma fonte de época é aduzida para corroborar o que é dito sobre o período medieval. Contudo, seria injusto nivelar indiscriminadamente esta história da lógica com as anteriores, já que tem méritos inegáveis e marca um sensível progresso no plano da sistematização desse saber. A segunda obra a que nos referimos acima é a *Formale Logik* de J. M. Bochenski, que foi publicada em 1956, trata tanto da lógica ocidental, quanto da oriental, e tem um perfil muito próprio que a distingue metodologicamente de todas as demais: ela é, na verdade, uma antologia de textos acompanhados de pequenos comentários. Nisto ela segue, por assim dizer, a postura de Prantl – i.é, a toda exposição associar o texto que lhe dá origem -, só que invertendo esta disposição: a todo texto associar um comentário. Não se trata, pois, de uma obra expositiva no sentido corrente do termo. Isto, contudo, não a torna menos interessante, nem a seu autor menos inventivo. Pelo contrário; seu domínio do grego aristotélico, do latim medieval, das línguas contemporâneas, bem como da lógica matemática, da história da filosofia e o profundo conhecimento das fontes históricas em suas línguas originais fizeram de J. M. Bochenski, O. P. (1902-95) o maior historiador da lógica do século vinte, ainda que seu tratado de história da lógica (que ostenta estranhamente o título de *Formale Logik*!) seja em certo sentido inferior ao dos Kneale. Mas, seus estudos sobre a lógica antiga, a teoria das conseqüências, a lógica modal medieval e, sobretudo, sua monografia a respeito da lógica de Teofrasto são clássicos, e por muito tempo serão lidos e estudados. O terceiro livro que nos referimos é *Development of Logic* (1962) de W. Kneale & M. Kneale, em que os capítulos que versam sobre a lógica antiga e medieval foram escritos – ao que se sabe – por Martha Kneale (*née* Hurst) e os demais capítulos por William Kneale. Trata-se de uma obra excepcionalmente clara, erudita, precisa e equilibrada. É também uma



exposição completa e segura de toda a evolução da lógica ocidental, e podemos afirmar que até hoje nenhuma história geral da lógica foi tão longe nas análises dos problemas e de suas soluções. É, sem nenhum favor, um livro paradigmático. Por certo, durante muito tempo será uma obra de consulta obrigatória.

Depois destas duas últimas obras, nenhuma outra história geral da lógica publicada no século XX, por interessante e didática que possa ser, logrou ultrapassar o patamar por elas estabelecido. Elas são, em definitivo, o que de mais bem urdido se conseguiu realizar nesse século. Com elas, ficou praticamente estabelecido, em linhas gerais, o que uma história geral da lógica cumpre estudar a respeito de autores, escolas e livros. E entre todos esses itens destacamos o seguinte. A história da lógica não mais pode ser vista como o estudo da metodologia das ciências empíricas, nem do passado da matemática e de alguns aspectos ou tópicos da filosofia, nem da filosofia das ciências dedutivas e nem dos resultados metodológicos e filosóficos das ciências de modo geral; na verdade, a história da lógica é apenas a reconstrução crítica do passado da lógica formal.